

Instituto de Ciências da Educação – Universidade Federal do Pará
Revista Ver a Educação, Belém, n. 1, ano 2026

Confeto, a criação de conceitos na Sociopoética: contribuições para os estudos em Organização do Conhecimento, Biblioteconomia e Ciência da Informação

Confeto, the creation of concepts in Sociopoetics: contributions to studies in Knowledge Organization, Library Science and Information Science

Confeto, la creación de conceptos en la Sociopoética: contribuciones a los estudios en Organización del Conocimiento, Bibliotecología y Ciencia de la Información

José Paulo Speck Pereira¹

Pamela da Silva Neckel²

Eurizon de Oliveira Neto³

Resumo

O artigo analisa o *confeto*, um tipo especial de conceito criado sob a perspectiva da Sociopoética, e sua contribuição aos estudos em Organização do Conhecimento (OC), Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). Inicia com a exposição de conceitos básicos em OC, BCI, Sociopoética e o processo de criação de confetos. A seguir, detalha uma vivência sociopoética ocorrida em disciplina de pós-graduação na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, momento no qual os participantes criaram confetos. Nas discussões, enumera as características de um confeto e o examina à luz da teoria de OC e BCI. Exemplos: (i) o confeto é o resultado da fusão de ideias às vezes conflitantes e que não precisam ter características comuns entre si; (ii) a relação entre as ideias é rizomática e estabelecida pelo grupo-pesquisador; (iii) o confeto tende a ser um neologismo, aglutinando palavras da linguagem natural para criar uma nova palavra que evoca, pela lembrança dos sons, aqueles termos originais, ao mesmo tempo que deseja causar impacto pela sonoridade híbrida do novo termo. Conclui que a Sociopoética é uma metodologia que cria oportunidades para os participantes filosofarem, além de estimulá-los a criarem conceitos. A biblioteca pode tornar-se um local favorável às práticas sociopoéticas.

Palavras-chave: Sociopoética; confeto; Teoria do Conceito; Organização do Conhecimento; Biblioteconomia; Ciência da Informação.

¹ Mestre em Ciência da Informação. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6720-9330>. E-mail: speckpereira@gmail.com.

² Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6536-0704>. E-mail: pamela.silva.neckel@posgrad.ufsc.br.

³ Mestre em Ciência da Informação. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2932-0422>. E-mail: eurizon.neto@gmail.com.

Introdução

A racionalidade do mundo moderno foi um argumento utilizado, nos últimos séculos, aos interesses europeus de dominação. Esta racionalidade fez avançar a ciência, mas também sofisticou modos de impor a cultura europeia a outras nações, ditas “não-civilizadas”. A devastadora colonização da América, a exploração dos seus recursos naturais e o assassinato em massa dos povos originários se justificava, em parte, pela razão iluminada de grupos econômicos europeus, que se autocompreendiam superiores e com autorização moral para subjugar violentamente outros povos (Valdés; Fleuri, 2024).

É reveladora a certeza de que existem outras racionalidades para além daquela imposta pelos países hegemônicos do nosso tempo. Ao compreendermos que há diferentes formas de *estar no mundo*, criamos as condições para lutar contra o racismo, o neoliberalismo, a LGBTfobia, o apagamento da herança indígena e outras opressões (Baniwa, 2025; Ribeiro, 2019; Trevisan, 2018; Valdés; Fleuri, 2024). A Sociopoética, em contrapartida, é uma metodologia de pesquisa que valoriza os saberes populares, de coletivos marginalizados e fora do mundo acadêmico. Cria grupos-pesquisadores e incentiva atividades artísticas no processo criativo (Gauthier, 2014).

Há poucos estudos, no Brasil, que tecem uma relação entre Sociopoética, Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI). Em pesquisas nas bases Brapci⁴ e OasisBR⁵, localizaram-se apenas três publicações que aproximam estas áreas. Dois artigos têm uma autora em comum, a professora Virgínia Bentes Pinto, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal do Ceará.

O primeiro artigo, de Pinto e Pinheiro (2003), discursa sobre metodologias de pesquisa e defende a Sociopoética como um método criativo sensível que poderia ser utilizado como metodologia alternativa, pois incentivaria a criação sem agarrar-se tanto ao raciocínio lógico. Apresentam, também, resultados de uma vivência sociopoética com turmas de graduação em Biblioteconomia.

No segundo artigo, Sousa e Pinto (2018) analisam as possíveis contribuições de uma biblioteca de um presídio feminino no Ceará para a reinserção social das detentas. Na prática, as autoras descrevem a aplicação de uma vivência sociopoética com as copesquisadoras (que são detentas), momento em que se registrou a percepção destas sobre a biblioteca do presídio.

⁴ Na base Brapci, realizou-se em 03/11/2025 pesquisas simples com os termos: “sociopoética”, “socio-poética”, e “socio poética”. Link: <https://brapci.inf.br/>.

⁵ Na base OasisBR realizou-se em 03/11/2025 uma pesquisa com os termos: (sociopoetica OR socio-poetica OR “socio poética”) AND (biblioteconomia OR “ciência da informação”). Link: <https://oasisbr.ibict.br/vufind/>.

Por fim, há o artigo de Costa, Gomes e Ruoso (2018), que analisa o trabalho do museólogo como educador e mediador na construção do inventário participativo, uma ferramenta para registro do patrimônio cultural material e imaterial. Os autores apresentam um planejamento de oficina, inspirada na Sociopoética, que será aplicada junto à comunidade da cidade de São Caetano da Moeda, distrito de Moeda-MG, como parte de um processo de preservação de sítio arqueológico, resgate da memória coletiva e dos saberes tradicionais.

Não foram encontrados trabalhos que aproximassem a Sociopoética dos estudos sobre Organização do Conhecimento (OC), uma área relevante da BCI que se dedica, entre outros temas, aos estudos sobre criação de conceitos.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar o *confeto*, que é um tipo especial de conceito criado sob a perspectiva da Sociopoética, e sua contribuição aos estudos em OC e BCI. Este artigo está estruturado da seguinte forma: seção 2: traz conceitos básicos em OC. Seção 3: apresenta-se a Sociopoética e os confetos. Seção 4: detalha a vivência sociopoética em que os autores participaram, cujo resultado foi a criação de um confeto. Seção 5: discute a criação de confetos e sua contribuição para a OC. Seção 6: são as considerações finais.

A pesquisa se justifica pelo ineditismo em criar conexões entre Sociopoética e OC. Hjørland (2022) compreende a OC em um sentido amplo, como um campo que poderia analisar a forma como o conhecimento é estudado em diferentes áreas, como por exemplo: a divisão social do trabalho ou literaturas e gêneros, por exemplo. Nessa perspectiva, a Sociopoética também merece atenção da OC, porque é uma metodologia (disruptiva) para a criação de conceitos e (re)categorização emancipatória das coisas do mundo. Acreditamos, também, que o aumento no volume de estudos que inter-relacionem esses campos do saber contribuirá para aprofundar abordagens humanistas em BCI.

Os discursos sobre conceito na área de Organização do Conhecimento

Brascher e Café (2008) definem Organização do Conhecimento como:

Um processo de modelagem do conhecimento que visa a construção de representações do conhecimento. Esse processo tem por base a análise do conceito e de suas características para o estabelecimento da posição que cada conceito ocupa num determinado domínio, bem como das suas relações com os demais conceitos que compõem esse sistema nocional (p. 8).

No contexto apresentado, a OC é um processo que visa, principalmente, ao desenvolvimento de Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC). Estes são definidos como instrumentos “projetados para dar suporte à organização do conhecimento e da informação, a fim de facilitar seu

gerenciamento e recuperação” (Mazzocchi, 2019). Os estudos sobre SOC inter-relacionam teorias e práticas em semiótica, psicologia, bibliografia, tecnologia da informação e campos do conhecimento que se deseja modelar (Dahlberg, 1993).

Há diversos tipos de SOC, com variados níveis de complexidade. Podem ser desde simples listas alfabéticas e cabeçalhos de assunto, até tesouros e catálogos on-line, com sistemas de classificação e catalogação complexos para bibliotecas, arquivos, museus e outros serviços de informação (Zeng, 2008). Alguns SOC criam verdadeiros “mapas do conhecimento” de determinada área e são muito utilizados em bases de dados bibliográficas para pesquisa acadêmica, como aquelas presentes no Portal de Periódicos Capes (como Web of Science).

A OC e a construção de SOC evidenciam o processo de mapeamento do conhecimento em determinada área de saber, uma atividade em que a delimitação dos conceitos é fundamental. É por meio dos conceitos que um SOC mostra as relações hierárquicas, associativas e outras na rede do conhecimento.

Hjørland (2022) compreende que as conexões entre conceitos devem ocorrer em relação à teoria ao qual estão inseridos, pois somente assim as relações semânticas farão sentido. O autor compreende que: “a função básica dos conceitos é fornecer uma base para lidar com o mundo. Os conceitos fornecem fronteiras e classes em um mundo contínuo” (Hjørland, 2022, p. 58).

Dahlberg (1978) é reconhecida como uma das precursoras que contribuíram para moldar os estudos de SOC. A autora elaborou uma Teoria do Conceito, que orienta a formulação de conceitos para fins de criação de SOC. Para a autora, qualquer organização do conhecimento é baseada em unidades de conhecimento, que seriam os conceitos (Dahlberg, 1993). Em sua teoria, um conceito é a soma de enunciados verdadeiros sobre um objeto geral ou específico, podendo gerar conceitos gerais e específicos. As características que os enunciados representam podem ser as mais variadas, sendo que a autora toma por base as características aristotélicas: matéria, quantidade, posição, localização, tempo, etc. Além disso, os conceitos podem estabelecer relações entre si. Estas podem ser do tipo *lógicas* (identidade, intersecção, negação, etc); *hierárquicas* (gênero e espécie); *partitivas* (o todo e suas partes); de *oposição* (por exemplo: presente ou ausente); e *funcionais* (para processos) (Dahlberg, 1978).

Para Moreira (2019), as relações conceituais têm diferentes configurações. O autor adota dois tipos: hierárquicas e associativas. As primeiras se subdividem em: genéricas (roedores/ratos), partitivas (sistema respiratório/pulmão) e instanciais (regiões montanhosas/Cordilheira dos Andes).

As relações associativas, por seu turno, descrevem diferentes relações entre conceitos que não se enquadram em modelos hierárquicos, mas possuem relações semânticas. São dependentes de contexto, e por isso, mais difíceis de definir. São exemplos dessas associações: causa e efeito

(patógeno/doença), atividade e produto (tecelagem/roupas), atividades complementares (ensino/aprendizagem), entre outras possibilidades (Moreira, 2019).

Dahlberg (1978) também dá atenção à formulação de definições. Uma definição é a “delimitação ou fixação do conteúdo de um conceito” (Dahlberg, 1978, p. 106). Somente conceitos gerais necessitam de definições (por exemplo: podemos conceituar um planeta, mas não há muita necessidade em se definir Júpiter, pois ele é plenamente identificado). A *definição nominal* refere-se ao sentido de uma palavra, enquanto que a *definição real* refere-se ao conhecimento acerca de um objeto. As definições reais podem ser simples e complexas, mas em ambos os casos, elas são formadas por um *termo amplo* seguido de uma *característica especificadora* (por exemplo: homem = mamífero bípede) (Dahlberg, 1978).

Há uma distinção entre o *termo* e o *conceito*. O primeiro é a palavra ou expressão que designa um conceito, e o segundo é o conceito propriamente dito e já debatido. Na criação de linguagens artificiais (SOC inclusos), procura-se atribuir somente um conceito para cada termo, de forma a controlar a polissemia, homonímia e sinonímia presentes na linguagem natural (Cintra *et al.*, 2002; Barité; Fernández-Molina, 2013).

Em revisão de literatura sobre teorias do conceito, Campos (2025) explica que o debate sobre conceito passa por saber diferenciar entre definições que expressem o pensamento de uma pessoa ou, de fato, um grupo; se é um produto da imaginação ou se o conceito refere-se a um objeto do mundo real; se está restrito a um domínio do saber, entre outras questões.

Sociopoética e a criação de conceitos

A sociopoética nasce do enfrentamento às violências, dos estudos decoloniais e do não-utilitarismo, além de combinar teorias da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, da Análise Institucional de René Lourau e George Lapassade, e da Esquizoanálise de Gilles Deleuze e Felix Guattari (Santos; Gauthier; Cordeiro, 2023; Silveira *et. al.*, 2008).

Silveira *et al.* (2008) entendem a Sociopoética como: “um método de pesquisa que tem, como pressuposto básico, a valorização de saberes diversos (científico, filosófico, artístico, intuitivo, entre outros), respeitando as suas diferenças” (p. 874). Para Santos, Gauthier e Cordeiro (2023), sua prática busca valorizar saberes renegados pelas universidades, contribuindo com uma “ética da resistência e abertura à complexidade da realidade social e educacional” (Santos; Gauthier; Cordeiro, 2023, p. 264-265). A pesquisa sociopoética não pretende realizar pesquisa empírica, mas, sim, problematizar verdades, desconstruir normatizações e criar novos conceitos através da investigação coletiva.

A metodologia foi desenvolvida pelo professor e pedagogo Jacques Gautier. É utilizada desde 1996 e segue cinco orientações principais, descritas por Santos, Gauthier e Cordeiro (2023) e resumidas a seguir:

- a) um grupo faz a pesquisa. Há um acadêmico-facilitador para conduzir o processo. O resultado pode ser a criação de *confetos*;
- b) há a valorização de saberes normalmente marginalizados na academia e uma adoção de posturas antirracistas, anticapitalistas e antineoliberais;
- c) a pesquisa sociopoética mobiliza as potências do corpo dos participantes para além do racional, adentrando na sensibilidade, afetividade e em experiências;
- d) são utilizadas técnicas artísticas para expressar afetos e experiências, pois a arte tem potencial para revelar vontades escondidas no inconsciente, burlando a racionalidade;
- e) o grupo-pesquisador é o dono da pesquisa e dos seus desdobramentos.

Silveira *et al.* (2008) explicam que a Sociopoética toma como base os seguintes princípios: “o grupo pesquisador como dispositivo; a importância do corpo como fonte de conhecimento; o papel da criatividade de tipo artística no aprender, no conhecer e no pesquisar; a ênfase no sentido ético no processo de construção dos saberes” (Silveira *et al.*, 2008, p. 875).

O grupo se reúne para participar de oficinas-sociopoéticas. Nesses encontros, há um diálogo constante, franco e respeitoso, atravessado por atividades artísticas individuais ou em grupo (pintura, escultura, exercícios teatrais, etc), que favorecem a criação de laços. Essa interação é designada por *experiência-afeto*. Há um mediador que orienta os grupos e tira dúvidas. A experiência pode ser transformadora: “o estudante ao viver um processo formativo experiência-afeto se põe, ou melhor, se expõe à oportunidade de emancipação do pensar, do sentir e do agir, assim como se propõe a abordagem de pesquisa sociopoética” (Santos; Gauthier; Cordeiro, 2023, p. 267).

Outro argumento filosófico utilizado na Sociopoética é a noção de “corpo-sem-órgãos”, oriunda da esquizoanálise. O corpo-sem-órgãos é uma potência criadora, um estado de liberdade, criatividade e desejo que a pessoa vai gerar para si, de forma que consiga criar brechas nas paredes das relações sociais ou das amarras que a sociedade impõe (Siveira *et al.*, 2008).

Em vivências sociopoéticas podem ocorrer a criação de *confetos*. A palavra confeto provém da aglutinação de conceito + afeto. São entendidos como problemas filosóficos originais e resultados diretos da aplicação da pesquisa sociopoética por grupos de pesquisadores (Santos; Gauthier; Cordeiro, 2023).

O confeto não tem a pretensão de representar conceitos científicos e hierarquizados. Ao contrário, seu entrelaçamento de ideias e vontades se assemelha à ideia de rizoma, proposta por

Deleuze e Guattari. A seguir, algumas características do rizoma: qualquer ponto pode ser ligado a qualquer ponto, formando cadeias semióticas de toda a natureza. O múltiplo é um fato e não existe unidade principal, não há pontos ou posições, como numa árvore, mas somente linhas e posições movediças. O rizoma é o oposto da árvore, como uma antigenealogia. Ele transborda sem começo ou fim. Um rizoma tem platôs, espécie de regiões contínuas de intensidades (Deleuze; Guattari, 2000).

Enquanto as definições criadas sob a ótica da Teoria do Conceito em BCI tem inspiração aristotélica, os confetos são puro rizoma deleuze-guattariano: “os conceitos não são aristotelicamente definidos em extensão e compreensão, e sim em *in-tensão* e poder de fazer rizoma. São ritornelos e, eles dizem o evento, não a essência ou a coisa” (Gauthier, 2014, p. 851, grifo do autor).

Santos, Gauthier e Cordeiro (2023) explicam que:

O que os confetos expressam é uma noção da experiência-afeto na educação ancorada numa formação que traz bem-estar no qual é possível aprender de maneira favorável através do deixar-se afetar, e para tanto é preciso desacelerar, ir contra o dinamismo e viver o tempo das emoções, num tempo mais lento, percebendo o que se passa em nós, ou dito de outro modo, o que nos afeciona (p. 275).

Os autores citam como exemplo um grupo-pesquisador que criou o confeto *Diamosen*, a partir do rizoma diálogo-motivação-sentimento. O grupo deu a seguinte explicação para o confeto: “o sentimento está diretamente ligado a esse acesso, abertura. Porque se temos o diálogo, conseguimos nesse diálogo uma motivação, e o sentimento é a representação disso. O que esse diálogo e motivação traz para a gente é o sentir” (Santos; Gauthier; Cordeiro, 2023, p. 266).

A criação de conceitos não é uma tarefa simples. Inclusive, podemos afirmar que poucas pessoas criam conceitos de fato. A maioria de nós, provavelmente, passará a vida inteira reproduzindo conceitos assimilados da família, dos amigos, da escola, do trabalho, das instituições religiosas e outros grupos influentes. Mesmo o ensino de graduação universitário não incentiva a prática eminentemente criadora, focando mais na transmissão de informações teóricas e práticas para uma suposta boa performance profissional. Para alguns, é somente na pós-graduação, em cursos de doutorado, que a pessoa finalmente será incentivada a dar uma contribuição inédita a um campo do saber. Mas nesse ponto cabe a pergunta: depois de anos apenas assimilando conteúdo e sendo desencorajado à criação, um aluno de doutorado terá desenvoltura para criar conceitos? Nesse contexto, a Sociopoética ganha força, pois encoraja o processo criativo e criador dos indivíduos, não espera ninguém chegar ao doutorado para ter a autorização de propor conceitos. Todos têm essa autorização.

A prática da pesquisa sociopoética e a criação de confetos

Os autores deste artigo participaram de uma pesquisa sociopoética, cujos grupos de alunos e professores geraram confetos. Os detalhes são apresentados nesta seção. Este evento ocorreu na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), como atividade principal da disciplina *PCI410105 – Viver, conviver e gerar vida em Plenitude: pesquisa sociopoética para a organização do conhecimento*. A disciplina integrou professores e alunos de três programas de pós-graduação, agrupando quase 40 participantes. Ocorreu de forma concentrada, no segundo semestre de 2025, nos dias 14, 15, 21, 22, 28, 29 de agosto, e 27 e 28 de novembro de 2025, das 8h às 17h40, quintas e sextas-feiras. Os docentes foram: Prof. Dr. Rodrigo de Sales (PPGCI/UFSC), Prof. Dr. Reinaldo Fleuri (PPGICH/UFSC) e Profa. Dra. Suzani Cassiani (PPGECT/UFSC). O prof Dr. Jacques Gauthier também participou como colaborador.

Os participantes foram incentivados a levar alimentos todos os dias. Assim, o grupo tomava café da manhã numa mesa coletiva, repleta de frutas, pães, bolos, bolachas, sucos e café, tornando-se um importante momento para trocas de conversas, afetos e saberes. Muitos estudantes almoçavam também no mesmo local.

No início e ao final de cada período, um professor aplicava dinâmicas teatrais de improvisação inspiradas no Teatro do Oprimido⁶. Eram momentos de aparente descontração, mas que revelavam técnicas sofisticadas de trabalho corporal, percepção do espaço, jogos de canto, entre outras práticas que estimulavam o improviso, estreitamento dos laços entre os participantes, a perda da timidez e outros comportamentos. A seguir, serão apresentadas as principais atividades realizadas no mês de agosto.

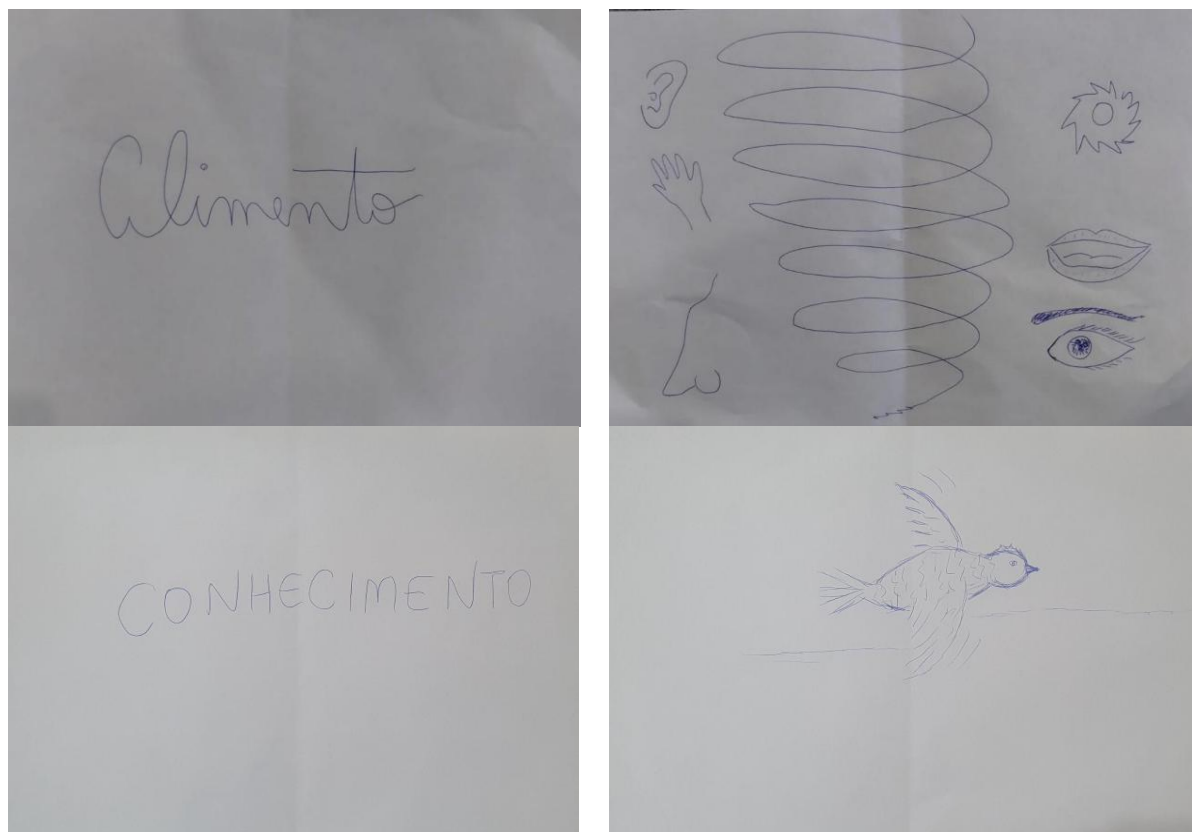
Primeiro-dia, 14 de agosto

Um professor orientou que cada participante definisse, em poucas palavras, o seu propósito individual relacionado à disciplina, para em seguida registrá-lo numa folha de papel. Depois, em uma

⁶ Atribui-se a criação do Teatro do Oprimido (TO) ao dramaturgo e diretor brasileiro Augusto Boal, na década de 1970. Nascido no contexto da ditadura militar brasileira, o TO problematiza questões sociais e incentiva a participação do público nos espetáculos, diminuindo a distância entre palco e plateia. Em alguns casos, espectadores podem substituir o ator do personagem “oprimido”, propondo alternativas para resolver os problemas destacados no enredo. Há uma série de jogos e exercícios no TO que propõem “desmecanizar” o físico e a mente dos seus praticantes, possibilitando reflexões sobre os limites e as possibilidades de seus corpos (Silva, 2014).

segunda folha, cada participante teve que elaborar um desenho que representasse aquelas palavras, conforme aparece na Figura 1.

Figura 1 – As palavras e os desenhos dos participantes José Paulo Speck Pereira (acima) e Pamela da Silva Neckel (abaixo)



Fonte: Elaborado por José Paulo Speck Pereira e Pamela da Silva Neckel (2025)

O passo seguinte consistiu em caminhar pelo salão em busca de uma dupla que, de alguma maneira, resultasse em uma conexão entre os propósitos registrados no papel. Essa busca gerou momentos de descontração. Mas, uma vez estabelecidas as duplas, o professor-facilitador pediu que a dupla trocasse seus desenhos, observasse o que o colega havia desenhado e registrado, para em seguida redigir um breve texto explicando sua interpretação em relação ao trabalho do outro. Na sequência, o autor do desenho apresentou sua própria interpretação.

Concluída essa etapa, a dupla deveria observar o que poderia ser reconhecido como identidade e diferença, ou seja, convergências e divergências entre a intenção do autor e a interpretação do colega. O detalhamento da conexão *alimento* + *conhecimento* aparece no Quadro 1.

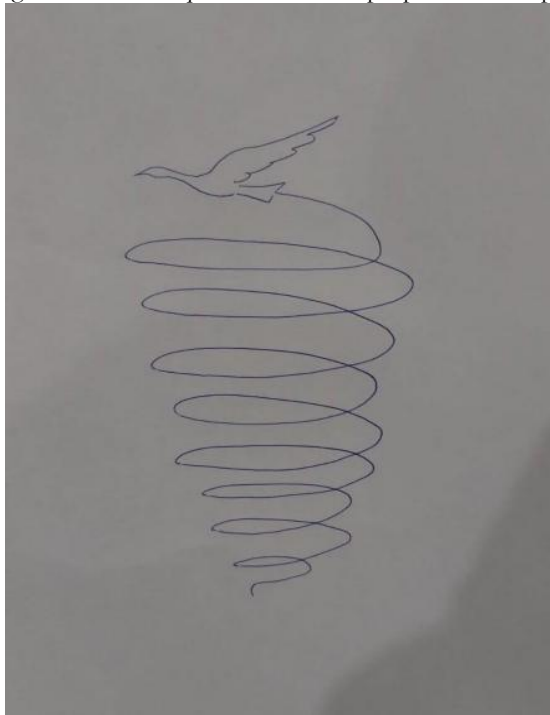
Quadro 1 – Interpretações sobre os desenhos entre a dupla: conexão *alimento + conhecimento*

Registros e interpretações	José Paulo	Pamela
<i>Propósito/palavra</i>	“Alimento”.	“Conhecimento”.
<i>Definição do próprio desenho</i>	“A espiral representa a vontade de aprender e crescer. Devo refletir sobre as experiências e provocar alguma modificação em mim. Os demais desenhos representam o prazer que tenho pela alimentação dos sentidos. O alimento vem por todos os sentidos. O pequeno sol representa o prazer de aprender”.	“Procura representar o conhecimento como forma de liberdade e de libertar. O saber ouvir e o comunicar, com todos os desafios, como um pássaro”.
<i>Como o outro interpretou o desenho</i>	“O alimento nutrindo a partir do tato, visão, audição e paladar. Metaforicamente. O sol, vitamina D, alimenta as funções do corpo, o todo”.	“Liberdade de pensamento. O conhecimento liberta”.
<i>Interpretações semelhantes</i>	“Nutrição do corpo pelos sentidos”.	“Liberdade”.
<i>Diferenças: somente o autor interpretou dessa forma</i>	“Foco no prazer ao nutrir os sentidos. O alimento visando o crescimento, o prazer. O prazer enquanto estado de dignidade do ser humano”.	“Coragem e controle. A liberdade como conhecer e, quando preciso, se arriscar. Correr riscos faz parte da condição humana para vivermos uma vida plena”.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

A última etapa do processo foi a elaboração de um brasão que fundisse os propósitos da dupla. Após muito diálogo, o resultado foi uma espiral ascendente (Figura 2), que se iniciava na base da folha, com o diâmetro pequeno e aumentava ao longo das voltas até o topo. Ao final da espiral, havia um pássaro que representava um voo alimentado pelo que se aprendia, pelos prazeres, pelo conhecimento e pela liberdade.

Figura 2 – Brasão que reúne os dois propósitos da dupla



Fonte: Elaborado pelos autores

Ao final do dia, houve uma socialização dos trabalhos entre todos os participantes.

Segundo dia, 15 de agosto

O professor orientou que toda a turma fosse dividida em quatro grupos de trabalho. Neste momento, interpretamos que cada grupo tornou-se um *grupo-pesquisador*. Ao longo do dia, apareceram novos colegas que não participaram na jornada anterior, mas foram integrados ao grupo. Ao final, nosso grupo foi constituído por: Caroline Pasa, Eurizon de Oliveira Neto, José Paulo Speck Pereira, Pamela da Silva Neckel, Rita de Cassia Castro da Cunha, Rosiane Maria e Vinícius Mouzer.

O professor orientou que o grupo dialogasse sobre os propósitos de cada um, objetivando a criação de um grande desenho que representasse o pensamento coletivo. Os propósitos que nortearam o desenho foram: *alimento, conhecimento, movimento, mudança e resistência*.

Cada grupo recebeu um cartaz em papel pardo, com medidas aproximadas de 90 cm de altura por 150 cm de largura. Como elemento central, nosso grupo decidiu desenhar uma árvore (Figura 3). Todos os integrantes do grupo participaram da confecção: o contorno do braço de uma colega serviu como o tronco da árvore; a copa foi confeccionada com folhas verdes e secas, galhos e pequenas frutas. Desenhamos o curso de um rio, com bordas arredondadas, ocupando toda a largura do cartaz na parte superior acima da árvore. Além disso, acrescentamos duas borboletas, um beija-flor, uma

espiral e uma casca de semente representando um casulo. Para o chão, abaixo da árvore, colocamos folhas secas e verdes.

Figura 3 – Desenho coletivo do grupo-pesquisador, fonte para a criação do confeto



Fonte: Elaborado pelos autores

Durante a confecção do desenho, o professor nos solicitou a criação de um confeto. Este confeto representou a união de propósitos do grupo (alimento, conhecimento, movimento, mudança e resistência) junto à criação do trabalho artístico. A elaboração do desenho estimulou os participantes a terem ideias e refletirem sobre seus propósitos. Após bastante diálogo, a colega Rita sugeriu o seguinte confeto: *ArvoRio*, que é a aglutinação das palavras árvore + rio. O grupo decidiu incluir um subtítulo ao confeto, e a versão final foi esta: *ArvoRio: o rio da resistência rega a árvore da vivência!*

Após cada grupo finalizar seus trabalhos, os cartazes foram postos próximos uns dos outros no chão. O professor detalhou uma nova atividade: um grupo deveria analisar o cartaz do outro, relatando em voz alta suas interpretações. Ao final de cada rodada, o grupo que fez o cartaz explicava a sua intenção de criação, e as diferentes interpretações eram comparadas. Este foi um momento de bastante diálogo, em que os participantes compartilhavam os confeitos criados e os mais variados detalhes artísticos dos cartazes. Todos os participantes ficaram impressionados com a profundidade dos confeitos de cada grupo-pesquisador.

Sobre o nosso cartaz, este recebeu variadas interpretações. Uma colega, ao observar uma figura azul na parte superior, disse ter imaginado o Boitatá, símbolo do folclore brasileiro. Outra colega afirmou que o amontoado de folhas no chão lembrava um amontoado de lixo. Nossa intenção inicial era a seguinte: o rio, que pela lógica racional deveria estar na parte inferior, foi posto no céu, e suas margens, cheias de curvas, simbolizavam a resistência de um curso que não nasceu para ser reto. Suas águas serviam para regar a árvore, que representava movimento, conhecimento e alimento dos sentidos. O casulo, a borboleta e a espiral representavam a mudança e a transformação.

Ao final da tarde, o professor explicou qual seria a dinâmica da próxima semana: a partir dos confetos e dos cartazes criados, cada grupo deveria conceber uma apresentação teatral e encená-la para todos os participantes.

Terceiro dia, 21 de agosto

A criação de uma apresentação teatral foi uma tarefa complexa que exigiu a dedicação de todos os participantes do grupo. Com poucos dias para providenciar a apresentação, todo o processo foi organizado por comunicação via *Whatsapp* e uma reunião via *Google Meet*. Decidimos propor uma sequência de dinâmicas inspiradas em elementos do cartaz, que tivessem a natureza como plano de fundo.

A sequência de apresentações ficou assim: nós (grupo 2), apresentaríamos na manhã do dia 21/08, grupo 1 = tarde de 21/08, grupo 3 = manhã de 22/08, e grupo 4 = tarde de 22/08.

Nossa dinâmica consistiu em um percurso pelos símbolos da natureza e o despertar dos sentidos. Definimos cinco estações, cada uma com um objetivo e interações próprias com o grande grupo, com a criação de origamis e exercícios de improvisação. Nossa narradora fazia perguntas norteadoras ao final de cada estação:

- a) árvore: raízes e frutos. Pergunta: Quais são as raízes que sustentam sua vida? Quais frutos sua árvore oferece?;
- b) rio: fluidez e superação. Pergunta: O que, em sua vida, precisou se adaptar, fluir, se reinventar?;
- c) borboleta: transformação. Pergunta: O que, em você, está pronto para se transformar?;
- d) pássaro: expressão e liberdade. Pergunta: O que você gostaria de expressar mais livremente na sua vida?;
- e) alimentos da alma: o que nutre o nosso interior. Pergunta: Que alimentos invisíveis sustentam você?

As dinâmicas foram um convite para que os participantes mergulhassem em seu interior e refletissem sobre suas vidas. Ao término da dinâmica, todos os participantes sentaram-se em círculo e debateram sobre suas impressões. Como um dos colegas expressou, as perguntas, aparentemente simples, carregavam grande complexidade. Alguns trouxeram respostas relacionadas à vida particular. Outros, ao fazer profissional. Em comum, todos refletiram a respeito de suas raízes no mundo e os frutos que deixarão na Terra.

Resumo da vivência sociopoética

A Figura 4 resume a vivência sociopoética experienciada por nós, bem como nossas leituras (Gauthier, 2004; Gauthier, 2015; Santos; Cordeiro, 2023). Foi um processo cumulativo, desafiador, de diálogo e arte. Consideramos como importantes características da vivência: diálogo e dialogicidade, valorização da subjetividade, uso da arte e do sensível, e mobilização do corpo.

Figura 4 – Fluxo da vivência sociopoética



Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

O objetivo principal desta seção 4 e subseções foi o exame sobre as condições de criação de confetos, o que acreditamos ter realizado ao detalhar as nossas atividades como participantes da disciplina *Viver, conviver e gerar vida em Plenitude*. Dessa forma – e até para não nos estendermos demasiadamente –, as dinâmicas teatrais apresentadas pelos outros grupos não serão examinadas.

Destacamos também que no dia 28 de agosto de 2025 os participantes visitaram a Aldeia Indígena Pira Rupa, bairro Maciambu, cidade de Palhoça-SC. E no dia 29 de agosto, o Quilombo

Vidal Martins, no bairro Rio Vermelho, em Florianópolis-SC. As trocas de saberes e afetos com os indígenas da aldeia e a comunidade quilombola foram momentos que jamais serão esquecidos pelos alunos e professores.

Discussão

O confeto é uma ruptura dramática em relação às práticas tradicionais e utilitaristas de criação de conceitos da ciência convencional, e da BCI em particular. Enquanto a ciência tradicional normatiza e higieniza, a Sociopoética questiona e acalenta. Enquanto a Biblioteconomia preocupa-se demasiadamente em listar os conceitos existentes, os confetos são potências disruptivas, onde a experiência da criação se sobrepõe à explicação e à hierarquização.

Sejamos justos: a ciência tradicional necessita de conceitos bem delimitados para operar, e mesmo as ciências sociais e humanidades também precisam esmiuçar suas teorias. Conceitos formados por enunciados claros e bem delimitados melhoram os processos educacionais, e a medicina e as engenharias necessitam de muita precisão em seus discursos e operações. A questão é que o discurso não está dissociado da realidade neoliberal. O neoliberalismo, a todo momento, busca transformar as relações humanas comuns em relações comerciais, além de esforçar-se em padronizar os corpos. Em contraponto, a vivência sociopoética cria um espaço de relações afetivas e artísticas que relaxam os participantes e os inspiram a pensar diferente, furando as paredes da normatividade e incentivando a todos a reorganizar (ou embaralhar) suas concepções de mundo.

A seguir, listamos as principais características do confeto observadas na literatura e na prática da disciplina *Viver, conviver para gerar vida em Plenitude*:

- a) o confeto, enquanto conceito + afeto, é o resultado de um trabalho coletivo de um grupo-pesquisador na perspectiva da Sociopoética;
- b) tende a ser um neologismo, aglutinando palavras da linguagem natural para criar uma nova palavra que evoca, pela lembrança dos sons, aqueles termos originais, ao mesmo tempo em que deseja causar impacto pela sonoridade híbrida do novo termo;
- c) o confeto implica a criação de um novo termo e um novo conceito a ele vinculado, embora esse conceito não cobre a formulação de enunciados muito descritivos;
- d) o confeto é o resultado da fusão de ideias às vezes conflitantes e que não precisam ter características comuns entre si. A relação entre as ideias é rizomática e estabelecida pelo grupo-pesquisador;

- e) o confeto tende a conter uma carga emocional e disruptiva, pois evoca temas sensíveis ao grupo-pesquisador, vindos à tona durante a vivência: preconceito, violências, antirracismo, medo, assim como transformação interior, ecologia, esperança, entre outros.

Sob a ótica da teoria do conhecimento da BCI, os confetos demonstram características bastante distintas de um conceito científico comum. O afeto, por exemplo, não é um atributo priorizado na criação de definições. No confeto, não há problema em misturar enunciados gerais e individuais, ou unir conceitos com características das mais variadas.

Na literatura, não localizamos exemplos de relações entre dois ou mais confetos, de forma que não foi possível analisá-los sob a perspectiva das relações hierárquicas, partitivas ou associativas da Teoria do Conceito. Não descartamos, todavia, uma rede de relações entre confetos, pois a noção de rizoma permite todas as relações semânticas e conexões possíveis. Nessa linha, acreditamos que um hipotético SOC de confetos seria caracterizado por relações predominantemente associativas. Em outros termos: mil platôs!

Considerações finais

Deleuze e Guattari (1992) consideram que a principal função do filósofo é a criação de conceitos. Mas, devemos admitir, como é difícil criar conceitos! Nosso mundo insiste em padronizar nossa linguagem, nossos desejos, nossa classe social, nossas relações familiares e de trabalho, obstruindo nossa habilidade de *pensar o mundo* por nós mesmos. Como contraponto a toda essa normatividade, a metodologia sociopoética cria oportunidades para seus participantes filosofarem.

Na disciplina *Viver, conviver e gerar vida em Plenitude*, a filosofia se construiu em atividades artísticas, jogos teatrais, diálogo, café da manhã e afeto. Nosso grupo-pesquisador abriu-se a novos domínios e participou da vivência sociopoética. Sob este intenso processo disruptivo, criamos um confeto que falava alto: *ArvoRio: o rio da resistência rega a árvore da vivência!*

Incentivamos novos estudos que aproximem a Sociopoética da BCI. Pesquisadores em OC, por exemplo, poderiam analisar a formação de novos conceitos “ao vivo” durante as vivências. O método de trabalho sociopoético poderá ser útil, também, para os bibliotecários desenvolverem novas relações com suas comunidades. A biblioteca, enquanto uma instituição que inspira confiança em seu público, poderia tornar-se um local favorável às práticas sociopoéticas.

Referências

BANIWA, G.L. Saberes indígenas e lutas territoriais: utopias e retomadas que inspiram vidas resistentes. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 31, n. 71, 2025.

BARITÉ, M.; FERNÁNDEZ-MOLINA, C. Aproximación sistemática al concepto de “control de vocabulario”. *In*: DODEBEI, V.; GUIMARÃES, J.A.C. **Complexidade e Organização do Conhecimento**: desafios do nosso século. Rio de Janeiro: ISKO-brasil, 2013, p. 86-92.

BRASCHER, M.; CAFÉ, L. Organização da Informação ou Organização do Conhecimento? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Anais**. São Paulo: Enancib, 2008.

CAMPOS, L.M. Conceito em diferentes acepções: impactos na ontologia Records in Contexts. *In*: ISKO BRASIL. **Anais**. Canela: ISKO, 2025.

CINTRA, A.M.M. *et al.* **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Polis, 2002.

COSTA, I.; GOMES, R.L.; RUOSO, C. O registro sensível do patrimônio cultural: a sociopoética como instrumento guia na construção do inventário participativo da comunidade de São Caetano de Moeda (MG). *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE SOCIOPOÉTICA E ABORSAGENS AFINS. **Artigos do evento**. Belo Horizonte: UFMG, 2018.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978.

DAHBERG, I. Knowledge organization: its scope and possibilities. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 20, n. 4, p. 211-211, 1993.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 43, 1992.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2000.

GAUTHIER, J. A questão da metáfora, da referência e do sentido em pesquisas qualitativas: o aporte da sociopoética. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 25, p. 127-142, 2004.

GAUTHIER, J. A Sociopoética como prática de pesquisa integral. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 848-852, 2014.

GAUTHIER, Jacques. Sociopoética e a formação do pesquisador integral. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, Brasil, v. 4, n. 1, p. 78-86, 2015.

HJØRLAND, B. Fundamentos da organização do conhecimento. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 17, n. 1, p. 39-73, 2022.

MAZZOCCHI, F. Knowledge organization system (KOS). *In*: INTERNATIONAL SOCIETY FOR KNOWLEDGE ORGANIZATION. **Encyclopedia of Knowledge Organization**. 2019. Disponível em: <https://www.isko.org/cyclo/kos>. Acesso em: 30 set. 2025.

MOREIRA, W. Relações conceituais como elementos constitutivos essenciais dos sistemas de organização do conhecimento. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 2, p. 1-30, 2019.

PINTO, V.B.; PINHEIRO, E.G. Ensinar e aprender: reflexões acerca da pesquisa em Ciência da Informação. **TransInformação**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 319-331, 2003.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, M.H. dos; CORDEIRO, E. de P.B. Pesquisa sociopoética e a árvore da vida: o personagem conceitual da experiência-afeto na educação, no curso de pedagogia e na vida. **Educação**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 1-11, 2023.

SANTOS, M.H. dos; GAUTHIER, J.; CORDEIRO, E. de P.B. Pesquisa sociopoética: confetos e a noção de experiência-afeto na educação. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 75, p. 263-277, 2023.

SILVA, F.J.R. da. Uma história do teatro do oprimido. **Aurora: revista de arte, mídia e política**. São Paulo, v. 7, n. 19, p. 23-38, 2014.

SILVEIRA, L.C. *et al.* A sociopoética como dispositivo para produção de conhecimento. **Interface: comunicação, saúde e educação**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 873-881, 2008.

SOUSA, F.L.M. de; PINTO, V.B. Biblioteca prisional e reinserção social: o olhar das internas do Instituto Penal Feminino Auri Moura Costa. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 31-49, 2018.

TREVISAN, J.S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VALDÉS, Carlo Zarallo; FLEURI, R.M. Da violência colonial à reexistência ancestral: um diálogo entre sentipensadores do Bem Viver. **Revista Cocar**, Belém, n. 24, p. 1-23, 2024.

ZENG, M.L. Knowledge organization systems (KOS). **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 35, n. 2-3, p. 160-182, 2008.

Abstract

This paper analyzes the *confeto*, a special type of concept created from the perspective of Sociopoetics, and its contribution to studies in Knowledge Organization (KO), Library and Information Science (LIS). It begins by presenting basic concepts in KO, LIS, Sociopoetics, and the process of creating *confetos*. It then describes a sociopoetic experience conducted in a graduate-level course at the Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, Brazil, during which participants created *confetos*. In the discussions, the characteristics of a *confeto* are enumerated and examined in light of KO and LIS theory. Examples include: (i) the *confeto* results from the fusion of sometimes conflicting ideas that do not need to share common characteristics; (ii) the relationship among ideas is rhizomatic and established by the researcher-group; and (iii) the *confeto* tends to be a neologism, combining words from natural language to create a new term that evokes, through the memory of sounds, the original terms, while at the same time seeking to produce impact through the hybrid sonority of the new word. The paper concludes that Sociopoetics is a methodology that creates opportunities for participants to engage in

philosophizing, in addition to encouraging them to create concepts. The library can become a favorable space for sociopoetic practices.

Keywords: Sociopoetics; *confeto*; Concept Theory; Knowledge Organization; Library Science; Information Science.

Resumen

Este trabajo analiza el *confeto*, un tipo especial de concepto creado desde la perspectiva de la Sociopoética, y su contribución a los estudios en Organización del Conocimiento (OC), Bibliotecología y Ciencia de la Información (BCI). Comienza con la exposición de conceptos básicos de la OC, BCI, la Sociopoética y el proceso de creación de *confetos*. A continuación, describe una experiencia sociopoética realizada en una asignatura de posgrado de la Universidad Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil, en la cual los participantes crearon *confetos*. En las discusiones, se enumeran las características de un *confeto* y se lo examina a la luz de la teoría de la OC y la BCI. Como ejemplos: (i) el *confeto* es el resultado de la fusión de ideas a veces conflictivas que no necesitan compartir características comunes entre sí; (ii) la relación entre las ideas es rizomática y establecida por el grupo-investigador; y (iii) el *confeto* tiende a ser un neologismo, aglutinando palabras del lenguaje natural para crear un nuevo término que evoca, a través del recuerdo de los sonidos, aquellos términos originales, al mismo tiempo que busca causar impacto por la sonoridad híbrida del nuevo término. Se concluye que la Sociopoética es una metodología que crea oportunidades para que los participantes filosofen, además de estimularlos a crear conceptos. La biblioteca puede convertirse en un espacio favorable para las prácticas sociopoéticas.

Palabras clave: Sociopoética; *confeto*; Teoría del Concepto; Organización del Conocimiento; Bibliotecología; Ciencia de la Información.